



A MÃE DE TODOS OS HORRORES

JAIRO JAIR MARTINSⁱ

Resumo: Desde que se perpetuaram os escritos, têm-se registro de embates entre os seres humanos pela disputa de um território, por vingança, por demonstração de poder. Em tempos idos, o domínio de um povo sobre outro primava pela brutalidade corpo a corpo, por meio de armas pesadas e letais. Em seus escritos, Freud afirma que a luta e a competição são partes integrantes do homem e, se usadas para o bem, catapultam o progresso material; no entanto, o avanço científico que hoje ameniza as dores do corpo e diminuiu as distâncias entre os países é também capaz de aniquilar em minutos o que exércitos levariam meses para conquistar. A literatura mundial registra com maestria os mais variados combates, dando fôlego à ideia de que a brutalidade humana supera a irracionalidade dos animais. Este texto perpassa por várias obras que retrataram combates internos e de alcance mundial, momentos infelizes da história humana, revelando que não importa a época, o local e o motivo, alguém sempre vai vencer outrem mesmo que para tanto o resultado seja morte, opressão, fome, sofrimento e ruínas.

Palavras-chave: Literatura. Guerra. Irracionalidade. Destruição.

Abstract: Since the beginning of writing, there are registers of conflicts among human beings for the dispute of territories, through vengeance and demonstration of power. Long ago, a people subdued another by the hand-to-hand combat brutality, with the use of lethal and heavy weapons. In his writings, Freud states that fight and competition are both parts of man and, if used for good, they boost the material progress; however, the scientific development, which decreases the pains of the body and the distance among countries today, is also capable of annihilating in minutes what armies would take months to conquer. The world literature skillfully registers the most variable combats, reinforcing the idea that human brutality supersedes the irrationality of animals. This text visits several works which depicted intern and world combats, unhappy moments of the human history, revealing that the age, the place and the reason are not important; someone will always defeat others, even if its result is death, oppression, hunger, suffering and ruin.

Keywords: Literature. War. Irrationality. Destruction.

Na noite de 23 de dezembro de 1944, o grupo de soldados comandados pelo cabo Ermelindo Kirchheim estava sob fogo de artilharia cerrado. A ordem do comando era tomar Monte Castello, na Itália, a qualquer custo. Os alemães respondiam ao ataque na mesma proporção. A conquista daquela nesga de terra era estratégica. Do Monte Castello era possível controlar estradas, vilas e cidades, além de facilitar o avanço da infantaria aliada. Kirchheim não dava descanso para o seu morteiro. Agachado, atirava sem parar. A fumaça, os gritos e as explosões eram assustadores. Repentinamente ele ouviu o silvo de uma granada cortando o ar. Levantou-se, correu para uma cratera aberta por uma bomba e jogou-se para dentro. Não deu tempo. Um estilhaço da granada atingiu sua perna direita.

Kirchheim arrastou-se até os escombros daquilo que antes era uma moradia e tentou fazer um curativo na perna que estava presa apenas por restos de ossos, carnes e músculos. Desmaiou antes. De madrugada acordou com vozes. Era uma patrulha alemã que passou direto. Perdeu os sentidos novamente e só acordou na manhã da véspera do Natal, quando viu que estava sendo jogado na carroceria de um caminhão. Eram soldados norte-americanos. Desfaleceu pela terceira vez. Só acordou de novo ao receber o impacto de terra no rosto. Estava sendo enterrado vivo em uma vala comum, junto com dezenas de outros cadáveres. Em pânico completo, conseguiu acenar com uma das mãos.

Kirchheim completou 92 anos em outubro de 2012. Reside em Carazinho (RS). A coxa foi recuperada por médicos norte-americanos com placas de platina e enxertos de outras partes do corpo. Lúcido, tem extrema dificuldade em falar sobre o que passou na frente de batalha. A esposa conta que ele a proibiu, assim como aos quatro filhos, de tocar no assunto guerra. Mescla períodos de fala ininterrupta com longos momentos de silêncio absoluto. Taciturno, irrita-se com facilidade, exatamente ao contrário de quando jovem, quando era um homem afável, carinhoso com os parentes e cumpria serviço em um quartel do exército de Itaquí (RS). Só foi para a Itália porque estava em prisão domiciliar em Itaquí (RS), depois de ter agredido fisicamente um colega. Aos presos era dada a oportunidade de se alistar. Ainda tem pesadelos e é sonâmbulo, distúrbio que não tinha antes de ir para o front. Guarda duas medalhas recebidas por atos de bravura e em 2008 perdeu o auxílio por invalidez que ganhava junto com a aposentadoria que recebia do governo como ex-pracinha na Segunda Guerra Mundial.

O Tenente Henry, acompanhado de outros motoristas de ambulância, estava entocado dentro do abrigo antibombas. Saboreavam macarrão com pedaços de queijo e goles de um vinho com gosto de ferrugem. Lá fora os canhões rugiam, o matraquear das metralhadoras era incessante, e as explosões de petardos e de granadas se tornavam cada vez mais ensurdecedoras. Henry, como de outras vezes, ouviu aquilo que parecia uma tossida e depois um clarão como se fosse uma fornalha de alto-forno aberta, seguido de um estrondo e um branco, que logo passou a vermelho e rolou como levado pelo vento. Henry procurou respirar, mas a respiração não vinha e sentiu-se arrancado de si, distante, muito distante, como se seu corpo estivesse sendo levado ao sabor do vento. Aos poucos sentiu que parecia estar parando de flutuar. Respirou. O chão estava todo arreventado à sua volta. Tentou se mexer. Conseguiu arrastar-se. Esbarrou em um corpo. Era Passini, com uma perna separada do corpo e a outra presa pelos tendões e parte da calça, com o toco mexendo-se, contraindo-se, como se não estivesse ligada ao resto.

Henry, então, sentiu um calor nas pernas e umidade. Calor e umidade também dentro dos sapatos. Levou a mão ao joelho e ele não estava mais lá, fora parar na altura da canela. Implorou para Deus para sair dali. Passini morrera. Restavam outros três motoristas. Alguém agarrou o tenente pelas axilas e outro pelas pernas e o levaram para o posto de atendimento médico.

O que distancia os dois casos ora relatados? O cabo Kirchheim é verdadeiro, foi combatente na Segunda Guerra Mundial. O tenente Henry é fruto da criação, uma obra literária sublime intitulada *Adeus às Armas* que se passa na Primeira Guerra. O ferimento de Henry é objeto da criação de Hemingway, relatados nas páginas 69 a 72, embora exista uma proximidade muito grande entre a ficção elaborada pelo escritor e a sua própria vida. Hemingway esteve na Primeira Guerra como motorista de ambulância e também foi ferido

na Itália. Kirchheim tornou-se um sujeito sorumbático e traumatizado. É econômico nas palavras quando fala do conflito do qual fez parte e, quando indagado sobre se pensava na família ou em Deus, não responde. Passini criado por Hemingway implora pela presença da mãe e reza na hora da morte. Na verdade, a guerra é a mãe de todos os horrores, a única que não resguarda pelos filhos de ninguém, nem mesmo de Deus, Este, geralmente, lembrado só nos últimos sopros de vida.

De uma forma surpreendente e assustadora, a realidade e o ficcional se fundem, seguindo uma trilha que remonta a antes de Cristo. *Lisístrata* (Aristófanes, 411 a. C.), embora seja uma peça teatral cômica, mostra mulheres corajosas, dispostas a desafiar a autoridade de seus esposos em benefício da paz. De certa forma, estão traumatizadas diante de vinte anos de lutas incessantes. Embora Aristófanes tenha rebaixado um episódio histórico no limite e preferido representar um conflito fratricida pela perspectiva feminina, reforça a tese de que as guerras acontecem quando acaba a capacidade de persuasão, o que não aconteceu com Lisístrata ao convocar as companheiras de Atenas, Esparta, Beócia e Corinto para uma greve de sexo. Enquanto os homens preferissem a luta, nada de copulação. Por ironia, a ficção criada por Aristófanes se repetiu em 2011. Um grupo de mulheres residentes em uma ilha no sul das Filipinas apelou para a mesma artimanha de Lisístrata, liquidando definitivamente com intermináveis conflitos agrários envolvendo seus maridos.

Os Persas (Ésquilo, 472 a. C.) é outro drama que destaca um evento histórico em uma representação mítica. Também uma guerra é apresentada desde a perspectiva feminina. Atossa, mãe de Xerxes, destaca-se pelo desespero diante da perda de milhares de soldados na batalha de Salamina. Ela já antecipava a desgraça que viria devido a um sonho, considerado um triste presságio para as mães dos que partiram e confirmado depois por um mensageiro. Atossa, entretanto, surpreende ao nem ao menos considerar que seu filho poderia ter sido um dos milhares de soldados perdidos que cobriram as praias de Salamina:

Ó infeliz de mim. Ó exército aniquilado. Verdídicas visões noturnas que tão claramente me anunciastes tais desgraças. E vós, que tão mal a interpretastes. Seguirei, no entanto, vossos conselhos. Vou primeiro, tentar aplacar os deuses; o futuro, porém, talvez nos depare mais favorável. E vós, ó fiéis, hoje é que poremos a prova a vossa fidelidade. Consolai meu filho, se ele chegar antes que eu volte; acompanhai-o ao palácio; esforcemo-nos para que ele com seu desespero nada mais acrescentem aos nossos males. (ÉSQUILO, 472 a. C., p. 11).

Teresa, personagem de Bertolt Brecht, em *Os Fuzis da Senhora Carrar*, não derrama lágrimas, nem se lamenta aos deuses pela morte do marido durante confronto com as tropas de Franco. Chora, quando descobre que o filho mais velho, Juan, também foi abatido pelos franquistas de maneira covarde enquanto pescava. “A senhora também quer vir conosco?”, indaga um dos interlocutores. “Vou por Juan”, responde Teresa, resoluta, empunhando um fuzil. (BRECHT, 1937, p. 50). Joe Sacco, no magnífico livro *Notas sobre Gaza*, apresenta-nos outro tipo de mãe. São as mães palestinas, que se martirizam diante da desgraça de perder filhos em luta permanente com soldados israelenses. Ao mesmo tempo, imploram para que os sobreviventes procriem com mais precocidade. Seria não só a maneira de garantir a sobrevivência de seu povo, mas, principalmente, dar continuidade às futuras forças de resistência em luta praticamente ininterrupta contra os israelis. (SACCO, 2010, p. 167).

O personagem “Milagre”, criado por Pepetela, em *Mayombe*, odeia tratores, tem prazer em explodir caminhões carregados de soldados e faz parte de um grupo de guerrilheiros que lutam pela libertação de Angola, então sob o domínio português. Qual o motivo de Milagre ter raiva dos Buldôzer?

A minha terra é rica em café, mas o meu pai sempre foi um pobre camponês. E eu só fiz a Primeira Classe, o resto aprendi aqui, na Revolução. Era miúdo na altura de 1961. Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até o pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruiu há bocado o Buldôzer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça de meu pai. O Buldôzer não tem culpa, depende de quem o guia, é como a arma que se empunha. Mas eu não posso deixar de odiar os tratores, desculpem-me. (PEPETELA, 1980, p. 32).

A guerra é um ritual de passagem, escreve Fredric Jameson no artigo *War and Representation*. É uma experiência existencial, e ela pode ser tanto de aprendizagem como de trauma. Jameson divide o tema em oito variantes, estando a primeira a “Experiência Existencial” de guerra, de certa forma ligada à sexta, “Atrocidades”, sendo esta a que mais aparece na literatura, seja ficcional, seja realidade. Na maioria das vezes, tal variante aparece depois dos conflitos. As demais são “Experiências Coletivas” (o envolvimento direto no conflito ou daquele que está longe, mas sentindo seus efeitos); “Líderes e Oficiais” (a participação dos grandes líderes, geralmente responsáveis pela guerra); “Tecnologia” (o material bélico utilizado em uma guerra e suas influências, muitas vezes decisivas no resultado final); “Paisagem Inimiga” (como o inimigo vê o vencido ou o vencedor); “Ataque à Pátria” (agressão vinda de fora) e a variantes oito: “Ocupação Estrangeira” (chamadas guerras de libertação ou de colonialismo). (JAMESON, 2009).

Entre o início do século XVI até o final de 2005, mais de 143 milhões de seres humanos morreram vítimas de conflitos armados distribuídos pelo planeta (ONU, 2009). Em um comparativo, equivale dizer que o homem dizimou com toda a atual população da Rússia, mais a totalidade dos moradores da região metropolitana de Porto Alegre (RS). A Primeira Guerra eliminou 19,4 milhões de pessoas, ou 1,65% da população mundial da época (ONU, 2009). Foi a segunda que mais eliminou seres humanos em toda a história, comprovando, também, o quanto um conflito armado pode embrutecer uma sociedade. Foi nela que mais despontou a utilização de novas tecnologias, fundamentais nos resultados dos confrontos. Foi no mesmo período que os exércitos apareceram enquanto instituições formais, hierarquizadas, ainda que vinculadas ou subordinadas ao Estado.

Erich Maria Remarque, em *Nada de Novo no Front*, faz um relato do cotidiano dos soldados alemães na frente de batalha. A obra é ficcional, mas há que ser lembrado que Remarque lutou na Primeira Guerra, tendo depois a coragem de mostrar a realidade chocante do que acontece em um conflito armado. No livro, praticamente todas as variantes de Jameson fazem-se presentes, especialmente as “Atrocidades”. Em um dos relatos mais assustadores, Paul, personagem criado por Remarque, discorre longamente sobre como matou a punhaladas um inimigo. Mata para se defender. O adversário demora até perder a vida e, durante todo o tempo, Paul acompanha a agonia do rival e a de si próprio:

Este é o primeiro inimigo que matei com minhas próprias mãos e cuja morte, pode constatá-lo sem sombra de dúvida, foi obra minha. [...] Este ser que agoniza tem o tempo do seu lado, possui um punhal invisível, com que me fere: o tempo e meus pen-

samentos. [...] Meu cérebro atingiu o limiar da loucura, mas ainda estou suficientemente lúcido para saber que jamais poderei escrever para essa gente, como tencionava há pouco. É impossível. Torno a olhar para as fotografias; não se trata de gente rica. Poderia mandar-lhes dinheiro, anonimamente, se, mais tarde, ganhar alguma coisa. Agarro-me a esta ideia; pelo menos, é um pequeno ponto de apoio. Este morto está ligado a minha vida. [...] Com o lápis do morto anoto o endereço num envelope e, em seguida, rapidamente coloco tudo na sua túnica. Matei o tipógrafo Gérard Duval. Vou ter de me tornar tipógrafo, penso, confusamente, tornar-me tipógrafo, tipógrafo. [...] à tarde, recupero a calma. Meu medo não tinha fundamento. O nome não me perturba mais. A loucura passa. – Companheiro – digo para o morto (mas com serenidade) –, hoje você, amanhã serei eu. No entanto, se escapar desta, companheiro, hei de lutar contra quem nos destruiu a ambos: a você, tirando-lhe a vida... e a mim, tirando também a vida. Eu lhe prometo companheiro, isso nunca mais acontecerá.. (REMARQUE, 2011. p. 167-174).

Paul não retorna para casa, onde antes levava uma vida pacata, típica do interior. Influenciado pelos pais, mas em especial pelos professores, abandona a escola e alista-se com outros amigos. Se retornasse, como aconteceu anteriormente, em licença temporária, talvez carregasse o episódio reprisado antes pelo resto da sua vida. O trauma é irreversível. Remarque foi um dos principais pacifistas após retornar da guerra. Seu livro foi queimado em praça pública por ordem de Hitler. Paul estava em uma guerra que não era sua, não foi ele quem a provocara e nem mesmo o inimigo que estava em outra trincheira, sofrendo e comendo as mesmas crueldades.

Remarque desconstrói o herói e mostra a luta pela sobrevivência daqueles que foram para o front muito jovens, uma geração perdida, pode-se dizer. Apresenta um inimigo digno de respeito, por ser um ser humano como qualquer outro que tem passado e família. Há uma afinidade entre aquele que está morrendo e aquele que vai morrer logo adiante. São homens do mesmo nível social, pobres. O livro tem uma narrativa linear, uma espécie de diário, a qual o leitor não sabe onde vai dar, talvez nem mesmo o autor. Ainda que os horrores sejam as narrativas mais comuns.

Remarque também retrata o poderio bélico utilizado por ambos os lados. As armas são cada vez mais mortíferas e arrasadoras, quando não com inclusão de doses de crueldades ainda maiores. Foi na Primeira Guerra que surgiu o gás mostarda, substância que queima interna e externamente. Metralhadoras cortam ao meio os soldados, petardos de canhões pulverizam o inimigo. Tudo isso aliado à fome, irmã gêmea da mãe de todos os horrores. Paul divide os restos de pão com ratazanas. Alimentá-las significa a possibilidade de evitar dentadas dos roedores durante as madrugadas. O homem está no ponto mais profundo da sua degradação. Mas em meio a tanta selvageria, Paul se questiona: será que tudo não seria mais fácil se os mentores do conflito fossem munidos de porretes e resolvessem a questão dentro de um ringue, sem envolver inocentes?

O mais infame dos confrontos bélicos da história da humanidade foi a Segunda Guerra Mundial, quando 72 países se envolveram, deixando um saldo de 60 milhões de mortos. Só na Rússia pereceram 16,5 milhões, sendo 10 milhões de civis (um em cada quatro habitantes) (WIKIPEDIA, 2011). Na França, morreram outros 700 mil, Itália 410 mil, Inglaterra 388 mil, Estados Unidos 650 mil. A quantidade de mutilados é estarrecedora: 28 milhões. O custo financeiro chegou aos US\$ 935 bilhões, levando a Europa à bancarrota (EDUCATERRA, 2011).

Mas e o resultado ou o preço pago pela Alemanha, pivô da Guerra, que dimensão teve? Foi essa a indagação que levou W. Sebald a escrever *Guerra Aérea e Literatura* (SEBALD, 2011) que, ao contrário do que se possa supor, não se trata de um libelo contra as atrocidades cometidas pelas tropas aliadas, mas sim uma cobrança dos motivos de o povo alemão não ter feito, até hoje, produções consistentes e livres de retóricas místicas, apresentando o saldo final do desastre após a assinatura do tratado de paz.

De origem alemã, Sebald, morto em acidente de automóvel em 2005, frisa que era criança quando a guerra ocorreu, mas sempre o incomodou a ausência total de informações sobre o que aconteceu à população alemã naquele período sangrento. O livro começou a ser escrito após palestra dada por ele em Munique, em 1997. A partir de seus relatos, Sebald começou a receber correspondências, levando-o a perceber que aquilo que milhões vivenciaram nos últimos anos da guerra nunca foi realmente traduzido em palavras e nem mesmo transmitido por eles aos que nasceram depois:

A queixa sempre repetida de que até hoje não foi escrita a grande epopeia alemã da guerra e do pós-guerra tem algo a ver com o fracasso (de certo modo, inteiramente compreensível) diante da violência que representa a absoluta contingência gerada por nossas cabeças obsessivamente metódicas. Apesar do árduo esforço empenhado no que se convencionou chamar de superação do passado, parece-me que nós, alemães, somos hoje um povo estranhamente cego para a história e despojado de tradição. [...] E quando olhamos para o passado, em particular para os anos de 1930 até 1950, trata-se sempre de um olhar e desviar de olhos simultâneos. (SEBALD, 2011, p. 8).

Chocante do início ao fim, *Guerra Aérea e Literatura* revela, já nas primeiras páginas e tendo como base documentos oficiais, que só a Royal Air Force, a força aérea britânica, em 400 mil voos despejou um milhão de toneladas de bombas sobre a cabeça dos alemães, sendo que 131 cidades foram atingidas, algumas uma, outras várias vezes. Os resultados são estonteantes: 3,5 milhões de residências destruídas e 7,5 milhões de desabrigados. Os números conflitam com outros dados disponíveis na internet ou em outras obras, por exemplo: Sebald afirma que, ao final do conflito, computaram-se 600 mil mortes só de civis alemães, praticamente a totalidade vítimas de bombardeios aéreos (SEBALD, p. 13). Outras fontes dizem que elas se aproximam de 700 mil. No total, computando-se as baixas militares, morreram 5,5 milhões (UFPEL, 2011).

Como reagiram os civis alemães frente a essa tempestade de chumbo? Respondendo, Sebald utiliza-se de relato datado de 1945, feito por Alfred Döblin: “as pessoas se moviam pelas ruas entre as ruínas medonhas como se, na verdade, nada houvesse acontecido e [...] esse sempre tivesse sido o aspecto da cidade”. (SEBALD, 2011, p. 15). Já foi dito que os alemães são um prodígio para esquecer-se do próprio passado. Não se lembram da Segunda Guerra e nem mesmo dos 40 anos em que o comunismo foi o sistema que imperou em uma parte do país. Esqueceram-se, inclusive, do muro que dividiu Berlim. Ainda em 1886, Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal*, havia sido corrosivo ao avaliar o comportamento da sociedade germânica:

A alma alemã tem corredores e veredas em si, no seu interior existem cavernas, escuros e masmorras; sua desordem tem muito do encanto e do mistério; o alemão conhece caminhos tortuosos para o caos [...] ele digere mal seus acontecimentos, jamais se dá conta deles [...]. E como todos os doentes crônicos, todos os dispépticos, têm inclina-

ção para o conforto, o alemão gosta de franqueza e correção: é cômodo ser correto e franco! (NIETZSCHE, 2003, p. 152-153).

O filósofo não está de todo equivocado. Sebald se encarrega de assinar embaixo, ao reproduzir relato de Robert Thomas Pell, datado de 1945: “os alemães externavam seu desejo de reconstruir seu país ainda maior e mais poderoso do que fora no passado, mesmo que externassem ‘uma estranha mistura de autocomiseração, autojustificação servil, sentimentos de inocência feridos e teimosia’”. (SEBALD, p. 16). A vontade de se reerguer puxando os próprios cabelos, como mostra Pell, é rebatida mais adiante pelo próprio Sebald, ao narrar a ação de algumas mães alemãs frente à perda de seus filhos:

Friedrich Reck relata que um grupo de quarenta a cinquenta desses refugiados (sobreviventes de um dos bombardeios sobre Hamburgo) tentava assaltar um trem na estação da alta Baviera. Nisso, uma mala de papelão caiu “sobre a plataforma, rompeu-se e espalhou seu conteúdo. Brinquedos, uma nécessaire de manicure, roupas chamuscadas. Por fim, estorricado e mumificado, um cadáver de criança que a mulher meio louca carregava consigo como reminiscência de um passado poucos dias antes ainda intacto”. (SEBALD, 2011, p. 34).

Em um primeiro momento, Sebald interpretou que o caso relatado poderia ser isolado. Para surpresa, após contar o fato durante a conferência de Munique, recebeu informações de que várias situações similares haviam sido presenciadas na Alemanha (SEBALD, 2011, p. 81). Tais acontecimentos deixam qualquer um perplexo e, caso seja examinado pelo prisma da religião, pode levar à conclusão de que Deus, diante de tantos desastros cometidos pelos seus filhos mais diletos, virou as costas para quem Ele mesmo criou conforme Sua imagem e semelhança.

Karen Armstrong, na obra *Em nome de Deus*, em um contraponto a Sebald, recorda que, no período compreendido entre as duas grandes guerras, mais de 70 milhões de europeus perderam a vida e que algumas das maiores atrocidades contra o ser humano foram cometidas pelo povo alemão, à época considerada como uma das sociedades mais refinadas do continente. A autora lembra que o Holocausto mostrou-se um acontecimento contraditório, pois um mesmo bairro que abrigava uma universidade podia ter também um campo de concentração. Decisões radicais, acentua, disseminam-se por todos os lados, em todas as religiões e até mesmo fora dela, inclusive por aqueles que se acham acima de Deus e que, portanto, têm o poder de aniquilar com seus semelhantes.

Desde que Nietzsche proclamou a morte de Deus, o homem moderno sente um vazio no centro da sua cultura [...]. O Holocausto também lembrou os perigos que podem resultar da morte de Deus na consciência humana. Na teologia cristã o inferno corresponde à ausência de Deus. Os campos de extermínio pareciam uma reprodução estranhamente precisa das imagens do inferno. (ARMSTRONG, 2001, p. 229-231).

Ganha maior robustez a concepção de que Deus realmente virou as costas para seus filhos, quando Sebald narra outros episódios, como o de Hamburgo, após um forte bombardeio aéreo: a tempestade de fogo provocada pelas bombas fritou gente em sua própria gordura; e “foram encontradas pessoas que arrebatadas pelo monóxido de carbono, ainda se encontravam sentadas à mesa ou apoiadas na parede; em outros lugares, havia pedaços de carne e ossos ou montes inteiros de corpos escaldados pela água fervente lançada pelas caldeiras que explodiram”. (SEBALD, 2011, p. 33). Em meio à tamanha barbárie, descobriu-

se anos depois, por intermédio de John Cornwell, em seu controverso livro, *O Papa de Hitler*, que o principal ou maior representante Divino na Terra, na época, nada ou muito pouco fez para denunciar ou, pelo menos, evitar as vítimas do Holocausto ou da incineração, inclusive de alemães. Pio XII praticamente fechou os olhos e ouvidos em favor da sobrevivência da Igreja, temendo que Hitler ou os próprios aliados destruíssem o Vaticano. (CORNWELL, 2000).

Guerra Aérea e Literatura destaca que em 1943 Hamburgo transformou-se em uma espécie de filial do inferno, com o desencadeamento da denominada “Operação Gomorrha”. O objetivo dessa incursão era aniquilar a cidade da maneira mais completa possível. Para não haver falhas, foram utilizadas 10 mil toneladas de bombas explosivas e incendiárias. Enquanto as explosivas arrasavam imóveis inteiros, até os sótãos, as incendiárias atingiam pavimentos ainda mais profundos. Em minutos, cerca de 20 quilômetros quadrados da cidade ardia em chamas. Então veio a tempestade de fogo: as correntes de ar atingiram a velocidade de até 150 quilômetros horários.

Nos vagões dos bondes, as janelas derretiam; o estoque de açúcar fervia nos porões das confeitarias. Os que fugiam de seus abrigos caíam em contorções grotescas no asfalto dissolvido, que rompia em volumosas bolhas. Ninguém sabe ao certo quantos morreram ou quantos enlouqueceram antes que a morte os atingisse. (SEBALD, 2011. p. 31-32).

O horror suplantou as expectativas de quem quer que seja. Talvez nem o diabo tenha capacidade e esperteza para planejar desastre semelhante. José Saramago, em *Memorial do Convento*, mescla de ficção e de realidade, ao mesmo tempo em que brinca com o místico, é mordaz com a Igreja. Conta que o então rei de Portugal, D. João V, com o objetivo de agradar os padres, mandou construir um convento e, após autorizar o uso de trabalhadores no transporte de uma pedra gigantesca localizada distante da obra em uma fase seguinte, determinou que não só todos os campesinos, bem como seus animais fossem utilizados na empreitada. O que aconteceu daí em diante ultrapassou, com folga, a crueldade. Homens e animais foram pisoteados, esmagados pelos cavalos, bois ou pela dita pedra. O sofrimento alcançou o auge. Então, Saramago arremata: “em cima deste valado está o diabo assistindo, pasmado da sua própria inocência e misericórdia por nunca ter imaginado suplício assim para a coroação dos castigos do seu inferno” (SARAMAGO, 2003, p. 250).

Há, contudo, que se manterem algumas reservas em pontos de *Guerra Aérea e Literatura*. Muito embora Sebald lamente que muitos dos casos obtidos não sejam dignos de créditos pelos excessos de narrativas, como é que os relatos trazidos pelo autor podem ser levados em consideração, principalmente quando do episódio específico ao bombardeio de Hamburgo, transformando a cidade em uma espécie de sucursal do inferno? Há contradições como, por exemplo: quem sobreviveu para operar um aparelho que pudesse medir a velocidade da tempestade de fogo; ou, ainda, se tudo foi perdido, como esse aparelho não foi destruído também?

Ainda que Sebald possa ter exagerado, a história demonstra que o homem não tem limites para sua crueldade. Foucault, em *Vigiar e Punir*, na abertura do livro mostra que a perversidade humana pode não ter limites:

[Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde deveria ser] levado e acompanhado numa

carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na Praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos pelo fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. Finalmente foi esquartejado [relata a Gazette d'Amsterdam]. Essa última operação foi muito longa, porque os cavalos utilizados não estavam afeitos à tração; foi necessário, para desmembrar as coxas do infeliz, cortar-lhe os nervos e retalhar-lhe as juntas... Afirma-se que, embora ele sempre tivesse sido um grande Praguejador, nenhuma blasfêmia lhe escapou dos lábios; apenas as dores excessivas faziam-no dar gritos horríveis, e muita vez repetia: “Meu Deus, tende piedade de mim; Jesus Socorrei-me”. Os espectadores ficaram todos edificadas com a solicitude do cura de Saint-Paul que, a despeito de sua idade avançada, não perdia nenhum momento para consolar o paciente (FOUCAULT, 2009, p. 9).

O relato do suplício prossegue cada vez mais estarrecedor. A despeito dos detalhes horríveis, as últimas palavras de Damiens levam à reflexão: o sujeito pode até não acreditar em poderes divinos, mas quando se vê sem saídas apela para o sobrenatural como derradeira solução. Os companheiros de El Sordo, personagem de Hemingway em *Por quem os Sinos Dobram*, ao se verem embretados por uma patrulha franquista e com aviões de bombardeio sobre suas cabeças, sabem que suas vidas chegaram ao fim. Joaquín, então, começa a desfiar uma Ave-Maria, ao mesmo tempo em que atira para o alto. Já Ignacio puxava o tripé (da metralhadora) com força para baixo, enquanto o cano queimava as suas costas. Com aquele martelar de estrondos, não conseguia lembrar-se do ato de contrição. “Tudo o que conseguia lembrar era ‘na hora da nossa morte. Amém’”. Os outros atiravam: “agora e na hora da nossa morte. Amém.” (HEMINGWAY, 2006, p.431-432). O acontecido com Passini, de *Adeus às Armas*, após ter sido cortado ao meio por um petardo de canhão, não fica muito longe:

Passini mordida o braço e chorava: “Ó, Mamma mia, Mamma mia” ou “Dio te salve, Maria. Dio te salve Maria. Ó, Jesus, mate-me. Jesus mate-me, Mamma mia, Mamma mia. Mate-me, Maria. Pare com isso. Pare com isso. Ó Jesus, ó Maria, parem com isso. Ai, ai, ai...” (HEMINGWAY, 2010, p. 70).

Aparentemente, a sentença decretada contra Damiens não teria nenhuma relação com episódios de guerra, e sim com um caso de punição dada para quem assassinou o pai. Há: o martírio. É ou não um grande sofrimento o de Damiens, a forma como o bando de El Sordo foi dizimado, a morte de Passini, ou as mães carregando seus filhos mortos dentro de malas? É a dor no seu extremo, tanto física como psicológica, mas ainda assim aceita pelos alemães como forma de punição contra eles mesmos em face dos episódios ocorridos não só dentro da Alemanha, mas em toda a Europa. Principalmente quando vem a recordação de que seis milhões de judeus foram mortos em câmaras de gás ou em campos de concentração, sem falar nos outros cinco milhões de minorias étnicas, ciganos, eslavos e homossexuais (WIKIPEDIA, 2011).

Sebald observa que jamais ouviu algum alemão questionar a legitimidade ou não dos bombardeios terem sido com tanta intensidade e com o objetivo de aniquilamento completo. Para ele, um povo que assassinara e maltratara até a morte milhões de seres humanos

não estava em condições de exigir das forças vencedoras informações sobre a lógica político-militar que ditou a destruição das cidades alemãs, bem ao contrário do que aconteceu na Inglaterra, onde os debates foram intensos, principalmente sobre a estratégia de atingir a população civil, indefesa (SEBALD, 2011, p. 22). Ainda assim, alguns germânicos podiam considerar que o que lhes acontecia podia ser a ira de Deus:

Não se pode excluir a hipótese de que, apesar de toda a raiva impotente e encarniçada diante da insanidade evidente, dentre os que sofreram com os ataques aéreos não foram poucos os que encaravam os incêndios gigantescos como uma punição justa, quando não como um ato de retaliação de uma incontestável força superior. (SEBALD, 2011, p. 22).

Foucault, em *História da Loucura*, lembra, contudo que, na loucura, a totalidade alma-corpo se fragmenta, isolando o homem de si mesmo e, principalmente, da realidade. “Em seus estupores, em suas propagações, insensatos, torna-se um movimento irracional; é então que, escapando ao peso da verdade e a suas coações, liberta-se o irreal”. (FOUCAULT, 2005, p. 232). Prova está na ação de uma funcionária de cinema, em Halberstadt. Logo após a queda de uma bomba, ela imediatamente “se põe a limpar os escombros com uma pá de defesa antiaérea, na esperança de terminar a arrumação antes da sessão das 14 horas. No porão, onde se encontra diversas partes de corpos cozidas, a arrumação consiste em colocá-los, por enquanto, no tanque de roupa” (SEBALD, 2011, p. 44).

Em carta endereçada a Freud, em 30 de julho de 1932, reproduzida em *Por que a Guerra*, Einstein prefere manter uma discussão no plano humano, buscando uma resposta para os motivos de uma minoria ser capaz de insuflar as massas até as levar a loucura e ao sacrifício. A resposta que encontra é que “o homem alberga em si uma necessidade de ódio e de destruição”, e tais sentimentos só são despertados em tempos anormais, desenvolvendo uma psicose coletiva. (EINSTEIN, 1932, p. 34).

Em setembro do mesmo ano, Freud responde a Einstein, observando que os conflitos de interesses entre os homens, em princípio, são resolvidos pela violência. Isso é normal entre os animais, do qual o homem não pode excluir-se. “No caso do homem, crescem, bem entendido, os conflitos de opinião que se projetam até aos mais elevados níveis de abstração e cuja solução parece carecer de uma técnica diferente” (FREUD, 1932, p. 39-40):

A intervenção da arma marca o momento em que já a supremacia intelectual começa a tomar lugar da força muscular; o fim último da luta continuou a ser o mesmo: uma das partes envolvidas na contenda tinha que ser obrigada, pelos danos sofridos e pelo enfraquecimento das suas forças, a abandonar as suas reivindicações ou a sua posição. Esse resultado é atingido não seu máximo quando a violência elimina o adversário de forma duradoura – o mata, portanto. Este procedimento tem suas vantagens: o adversário não poderá retomar a luta noutra ocasião e a sua sorte dissuadirá outros a seguirem o seu exemplo. (FREUD, 1932, p. 40).

Se olharmos para o passado ou o presente, constatamos que tanto Einstein quanto Freud têm toda a razão. Os grandes líderes mundiais, na sua maioria, são possuidores de ampla capacidade de discurso, de convencimento, levando seus liderados a uma espécie de catarse, fazendo com que acreditem naquilo em que ele crê. Hitler convenceu o povo alemão de que o mal do mundo eram os judeus, e a grande maioria do povo alemão acreditou nisso. Hitler possuía um poder de persuasão imenso, como, aliás, vários outros mandatários

européus da época, como Mussolini, na Itália, e Francisco Franco, na Espanha. O único de oralidade um tanto fraca era Oliveira Salazar, de Portugal. E, trazendo mais para perto, constataremos que, no Brasil, Getúlio Vargas era considerado o “pai dos pobres”. Não muito diferente acontecia com a vizinha Argentina, onde Juan Peron e a esposa, Evita, eram adorados pelo povo (não podemos esquecer que, em um primeiro momento, tanto Getúlio como Peron mostraram simpatia para com Hitler...).

Leon Tolstoi, no livro terceiro de *Guerra e Paz*, mostra um coronel polonês que, na ânsia de agradar Napoleão, não se preocupou em encontrar um local mais fácil para transportar um rio com sua tropa. O polaco e mais de uma centena de soldados se lançaram na correnteza. Quarenta morreram afogados e, ainda assim, os que se salvaram vibraram de alegria. Napoleão, que não ficou no local para ver o resultado, mais tarde mandou condecorar o incauto com a Legião de Honra (TOLSTOI, p. 7-8).

O então primeiro ministro da Inglaterra, à época da II Guerra Mundial, Winston Churchill, constatando a supremacia alemã em todas as frentes de batalha, também abriu o seu “saquinho de maldades”, como mostra *Guerra Aérea e Literatura*. Em carta escrita ao lorde Beaverbrook, justificando um bombardeio aéreo sobre a Alemanha, diz: “e esse é um ataque absolutamente devastador, de exterminação, por bombardeios muito pesados partindo de nosso país para a pátria nazista” (SEBALD, p. 23). Arthur Harris, então comandante em chefe do Bomber Command, prometeu que “aqueles que lançaram esses horrores sobre a humanidade irão agora sentir, em sua própria terra e em sua própria carne, os golpes fulminantes de uma justa retaliação”:

Seu plano de sucessivos bombardeios de saturação, que se manteve irredutível até o fim, era de uma lógica tão arbatadamente simples que, diante dela, todas as alternativas estratégicas reais, como corte do abastecimento de combustíveis, haviam de parecer puras manobras de distração. A guerra de bombardeio era a guerra pura, escancarada. Contrariando qualquer razão, seu desenrolar faz transparecer que, como Elaine Scarry escreve em *The body in pain*, um livro particularmente perspicaz, as vítimas de guerra não são um sacrifício necessário no caminho para se alcançar um objetivo, seja ele qual for, mas sim, no exato sentido da palavra, são elas próprias esse caminho e esse objetivo. (SEBALD, 2011, p. 26).

A verdade é que essa Caixa de Pandora estava aberta há muito tempo, bastava que os líderes de uma guerra insana fossem remexer um pouco mais, retirando de dentro dela mais um pouco de horrores. Como Sebald recorda bem, ainda em 1942, Stalingrado, na Rússia, estava abarrotada por uma multidão de refugiados, quando foi bombardeada por 1200 aviões alemães. Ao mesmo tempo, nos arredores da cidade, tropas alemãs postadas na outra margem do rio Volga entravam em euforia, porque quarenta mil pessoas perderam a vida naquele dia:

A maioria dos alemães sabe hoje, ao menos é o que se espera que nós mesmos provocássemos a destruição das cidades em que vivíamos. Praticamente ninguém irá duvidar hoje que o marechal do ar Göring teria arrasado Londres caso seus recursos técnicos o permitissem. Speer relata que, em um jantar na chancelaria do Reich em 1940, Hitler fantasiava a respeito da destruição total da capital do Império Britânico: “Os senhores já observaram um mapa de Londres? As construções são tão próximas que bastaria um único foco de incêndio para destruir a cidade inteira, como, aliás, já ocorreu há mais de duzentos anos. Göring quer provocar com inúmeras bombas incendiárias de um potencial jamais visto focos de incêndio nos mais diversos bairros de Londres, focos de in-

cêndio em toda a parte. Milhares deles. Eles vão se juntar então em um gigantesco incêndio de superfície. Göring tem a única ideia que presta: as bombas explosivas não funcionam, mas com as bombas incendiárias será possível: a destruição total de Londres! Quando tudo começar, o corpo de bombeiros deles não vai servir para nada”. (SEBALD, 2011, p. 93).

É admissível que parte dos relatos alemães inclusos no livro de Sebald careça de confiabilidade por refletir um momento em que a guerra estava em andamento, ou por ter um propósito político. Sebald observa que as raízes também podem ser mais profundas: rancores frutos de outros conflitos, como, por exemplo, daqueles gerados durante a Primeira Guerra Mundial. Também é possível que o autor responda as suas próprias indagações, disseminadas ao longo das 93 páginas. É um fato, por exemplo, que os alemães, em sua grande maioria, apoiavam de maneira incondicional o discurso e posteriores ações de Hitler, tanto é que a literatura está repleta de relatos nesse sentido. Em determinada altura, durante a ascensão do Führer, participantes ativos do nazismo entregavam os próprios pais para a Gestapo. Esse talvez seja o exemplo mais vivo e assustador do poder que Hitler passou a exercer perante a sociedade. E isso não era uma novidade para ninguém. No livro *Minha Luta*, Hitler já deixava claro sobre o que pensava sobre as minorias, sobre raças e sobre o que ele desejava.

Sabia do poder do discurso como forma de convencimento de toda uma sociedade, inclusive como o de jogar essa mesma sociedade contra si própria: “sei muito bem que se conquistam adeptos menos pela palavra escrita do que pela palavra falada e que, neste mundo, as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores, mas aos grandes oradores” (HITLER, 1925, p. 2). Produto da ralé, Hitler tinha conhecimento que falar mal dos judeus era um hino para boa parte da sociedade alemã, principalmente para a mesma ralé de onde ele se originou. Mas o que é a ralé? Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo*, responde:

A ralé é fundamentalmente um grupo no qual são representados resíduos de todas as classes. É isso que torna tão fácil confundir a ralé com o povo, o qual compreende todas as camadas sociais. Enquanto o povo, em todas as grandes revoluções, luta por um sistema realmente representativo, a ralé brada sempre pelo “homem forte”, pelo “grande líder”. Porque a ralé odeia a sociedade da qual é excluída, e odeia o Parlamento onde não é representada. (ARENDDT, 1989, p. 129).

Não só a comunidade alemã, mas a europeia enfrentava grande crise econômica. Era, portanto, uma excelente oportunidade para que surgisse o “grande líder” a que se refere Arendt. Hitler sabia que, caso chegasse ao poder, teria o amparo de amplos setores da sociedade alemã, principalmente o da ralé. Tinha a certeza de que, atacando a comunidade judaica de maneira feroz, iria conquistar a simpatia desses mesmos alemães, assim como de boa parte dos europeus. Foi o que fez, e *Minha Luta* retrata isso de maneira assustadora. Já de início elege como maiores inimigos o marxismo e o judaísmo. Hitler lembra que, quando ainda muito jovem, vivendo na Hungria, seu olho abriu-se para dois perigos, “que eu mal conhecia pelos nomes e que de nenhum modo, se me apresentavam nitidamente na sua horrível significação para a existência do povo germânico” (HITLER, 1925, p. 13).

Desde sempre, os judeus não formavam uma classe social e nem mesmo pertenciam a uma classe social nos países em que viviam. Como grupo, lembra Arendt, não eram nem trabalhadores, nem gente da classe média, nem grandes proprietários de terras, mas também

não integravam a classe dos camponeses. Contudo, os judeus faziam parte, pelo menos alguns, da aristocracia. Eram eles que financiavam o Estado, não importando qual o sistema de governo. Os judeus eram os maiores banqueiros e financiavam, inclusive, conflitos armados. Justamente por isso, eram considerados, principalmente pela ralé, como um grupo de privilegiados, e tais privilégios eram uma forma de atingir a igualdade (ARENDDT, 1989, p. 42). Atraíam a ira da sociedade não judaica. Por saber disso, Hitler sempre falou e escreveu de forma depreciativa sobre os judeus:

Os maiores conhecedores das possibilidades do emprego da mentira e da calúnia foram em todos os tempos os judeus. Começa entre eles, a mentira por tentarem provar ao mundo que a questão judaica é uma questão religiosa, quando, na realidade, trata-se apenas de um problema de raça. E que raça! Um dos maiores espíritos da humanidade perpetuou uma frase imorredoura o julgamento sobre esse povo, quando os designou como “os maiores mestres da mentira”. Quem não reconhecer essa verdade ou não quiser reconhecê-la não poderá nunca concorrer para a vitória da verdade neste planeta. (HITLER, 1925, p.102).

Arendt observa que Hitler previa que na guerra política o racismo seria o aliado mais forte na conquista de simpatizantes. Os nazistas tinham certeza de que o melhor meio de propagar a sua ideia estava na política racial. O racismo, portanto, não era uma arma nova, nem mesmo secreta, embora nunca antes houvesse sido usada com tão meticulosa coerência (ARENDDT, 1989, p. 188). Em uma época de crise, quando os judeus tiravam o emprego de alemães e eram acusados de usura, era fácil conquistar a simpatia da população.

Hitler mandou matar, porque tinha uma espécie de aval do povo alemão. Não só os atacou de maneira feroz, tendo o mesmo procedimento em outros países que invadiu, onde o uso da maior máquina bélica da atualidade, o avião, foi decisivo em subjugar e conquistar espaços dos inimigos.

Foram os nazistas que iniciaram as investidas arrasadoras sobre outros países, com bombardeios aéreos, como havia sonhado anteriormente Göring. É inadmissível que a sociedade germânica não tenha sabido disso ao longo do conflito. Então, quando veio a resposta aliada, de maneira fulminante, a reação dos civis alemães não poderia ser outra, a não ser a de estupefação, de sentir na própria carne o que já havia praticado contra seus inimigos. Eis aí, talvez, a resposta para as inquietações de Sebald com relação ao silêncio dos alemães diante das atrocidades sofridas e o silêncio que se prolonga até nossos dias.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. 411 a. C. Disponível em:

<<http://oficinadeteatro.com/component/jdownloads/view.Download/4/73>>. Acesso em: 12 de jan. 2012.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRECHT, Bertold. *Os fuzis da senhora Carrar*. 1937. Trad. Antônio Bulhões. Disponível em:

<[http://www.4shared.com/office/4HS3L2sH/Bertol Brecht - Os fuzis da se.html](http://www.4shared.com/office/4HS3L2sH/Bertol_Brecht_-_Os_fuzis_da_se.html)>.

Acesso em: 27 fev. 2012.

CORNWELL, John. *O papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. *Porquê a guerra?* Mem Martins: Europa-América, 2007.

ÉSQUILO. *Os persas*. 472 a.C. Trad. Maria José de Carvalho. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/6581266/Esquilo-Os-Persas>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEMINGWAY, Ernest. *Adeus às armas*. Trad. Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Por quem os sinos doam*. Trad. Luís Peazê. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HITLER, Adolf. *Minha luta*, 1925. Disponível em:

<<http://radioislam.org/historia/hitler/mkampf/por/por.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

JAMESON, Fredric. *War and Representation*. Modern Language Association of America. Vol. 124, n. 5. October 2009.

KIRCHHEIM, Ermelindo. *Ermelindo Kirchhei: depoimento* [jan. 2012]. Entrevistador: Jairo Jair Martins. Carazinho, RS, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Editora Ática, 1982.

REMARQUE Erich Maria. *Nada de novo no front*. Trad. de Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

SACCO, Joe. *Notas sobre Gaza*. Trad. Alexandre Boide. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEBALD, Winfried Georg Maximilian. Trad. Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo *Guerra aérea e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TOLSTOI, Leon. *Guerra e paz*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Recebido em: 15/04/2015

Aceito em: 19/05/2015

ⁱ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo.